

**Entre Atabaques e Cigarrilha: A Educação Sensível Pela
Voz de D. Maria Padilha**

**Between atabaques and cigarillos: sensitive education by the voice of
D. Maria Padilha**

Mailson de Moraes Soares*

* Universidade do Estado do Pará, UEPA, Belém - PA, 66113-010,
e-mail: mailson17ator@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta traços educativos da oralidade poética da entidade afrorreligiosa D. Maria Padilha, quando presente em transe mediúnico, em Terreiro de Candomblé, em Belém do Pará. Rainha espanhola do século XIV, agora imiscuída às deidades africanas, a nobre espanhola reina como reminiscência ancestral. Através de seus dizeres, entre parábolas, provérbios, metáforas, cânticos e silêncios D. Maria Padilha, alimenta e instrui os filhos e adeptos do terreiro, para a cultura de resistência do povo de santo na Amazônia. Assim, teço esta escrita, bebendo nas fontes fecundas das Poéticas Orais (Zumthor, 1997; Hampâté Bâ, 1982); a costurar redes do Imaginário (Meyer, 1993; Farelli, 2009), da Memória (Halbwachs, 1990) e realidade do povo do Axé (Sodré, 1988), alinhavados a conceitos e perspectivas decoloniais (Rufino, 2018) em uma escrita Poetnográfica (Silva; Lima, 2014). Desse modo, descrevo ações em contexto afrorreligioso, a compreender as falas/informações obtidas, que vindas como narrativas do sujeito pesquisado, D. Maria Padilha, possam ser destecidas como versos de uma canção que planta no mundo, um modo de ser, uma força que respinga em nós e inquieta.

Palavras-chave: D. Maria Padilha. Educação sensível. Afro religiosidade.

Abstract: This article presents educational traces of the poetic orality of the Afro-religious entity D. Maria Padilha, when present in a mediumistic trance, in Terreiro de Candomblé, in Belém do Pará. Spanish queen of the 14th century, now imbued with African deities, the Spanish nobleman reigns as ancestral reminiscence. Through her words, among parables, proverbs, metaphors, songs and silences, D. Maria Padilha, feeds and instructs the children and adherents of the terreiro, for the culture of resistance of the holy people in the Amazon. Thus, I weave this writing, drinking from the fruitful sources of the Poetics of the Oral (Zumthor, 1997; Hampâté Bâ, 1982); to sew networks of the Imaginary (Meyer, 1993; Farelli, 2009), of Memory (Halbwachs, 1990) and the reality of the people of Axé (Sodré, 1988), aligned with concepts and decolonial perspectives (Rufino, 2018) in a Poetnographic writing (Silva; Lima, 2014). In this way, I describe actions in an Afro-religious context, to understand the lines / information obtained, which come as narratives of the researched subject, D. Maria Padilha, can be dismissed as verses of a song that plants in the world, a way of being, a force that splashes on us and restless.

Keywords: D. Maria Padilha. Sensitive education. Afro religiosity.
INTRODUÇÃO

Embaixo do sol escaldante que afogua o Norte do Brasil, banhado ou mesmo inundado pelas águas amazônicas, a voz feminina tem feito ecoar: marcas de uma voz ancestral – “Aféfé je obirin” – O vento é mulher, recita a antigüíssima reza Iorubá!¹

Imiscuídos, amalgamados os negros africanos, outrora escravizados, sorriem nos rostos amazônidas, na face de seus descendentes, hoje brasileiros. “Na calha da mestiçagem e hibridação” (SALLES, 2005, P. 93), quiseram apagá-los da história, ao insistirem tantos teóricos sobre a ideia de ser incipiente a presença do negro no Pará.

Contudo, nos idos do período escravocrata: “nos 22 anos de sua existência, a Companhia Geral de Comércio introduziu apenas no Pará 12.587 escravos negros da África, importados diretamente” (SALLES, 2005, p. 55). E nos dias de hoje a vida nos Ilês Axé (Casas de Candomblé), terreiros de Umbanda e terreiros de Mina, designações religiosas nascidas da voz afro, trazem à tona a memória viva e pulsante da presença africana na Amazônia.

“Aféfé je obirin” ... A roda das saias, a gira, o fogo crepitante do fogareiro, a fumaça perfumada que se espalha, o vento tudo comanda! A cultura milenar dança e exala sua força e constância, tradição e graça, resistência e ginga nas vozes-corpos do povo de terreiro. E, em especial, na Voz feminina na cultura afro-brasileira. Em ambiências de sotaque amazônico, a transpor obstáculos e vencer barreiras, as Yabás², tem educado filhos e adeptos, guiando-os nas veredas da vida.

Igualmente, as entidades femininas que ali se manifestam! Assim, entre as contas do rosário e o toque do atabaque, outras encarnadas nas mesmas, mulheres encantadas vindas das profundas ou do além mar, se fazem ouvir. Dóceis ou febris, vibram os corpos de seus filhos e filhas, e completado o transe mediúnic, os espíritos de mulheres que ali se fazem presente, também resguardam presença, força e ensinamentos concernentes somente a elas.

Então, do mistério, território indevassável, alguém vem nos visitar: a silhueta espanhola, tempo imemorial, veste o fino adorno do corpo humano, e a senhora de

¹ Os iorubás ou nagôs (em iorubá: Yorùbá) constituem um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental, com mais de 30 milhões de pessoas em toda a região. No Brasil os Iorubás deram origem ao candomblé de Ketu, religião que cultua os Orixás.

² Termo que significa “mulher” em Iorubá.

Castilha, D. Maria Padilha, assim, se faz fulgurar. E os templos afro festejam a rainha castelhana agora encarnada tocando o chão.

Formosura e dádiva no corpo de mulher. Incisiva e distinta, a voz que dela emana se faz escutar. Altivez na maneira de vestir-se, portar, falar e ensinar, D. Maria Padilha teria vivido em Castela, Espanha, por volta do século XIV. Após sua morte, teria recebido a missão espiritual de “baixar” nos terreiros para ensinar homens e mulheres a equilibrar a balança da vida. Deidade de forte apelo popular, na Amazônia paraense, ela vem se alocar em diversas afro ambiências, dentre elas a de matriz Iorubá³, *lócus* de minha pesquisa.

D. Maria Padilha mulher austera, bela, sábia e sedutora. Ensina e encanta por meio de parábolas, provérbios, metáforas, cantigas e silêncio. Como seu filho, tenho a sorte e privilégio de por ela ser educado em minha constituição de membro do Ilê Alaketu Asé Omindê⁴, em Belém do Pará.

Assim, teço estas linhas enquanto pesquisador-autor-afrorreligioso e vislumbro da Voz da entidade afro trazer a Poesia que compõe nossa cultura e os saberes que constituem uma educação *sensível*. Aos ouvidos leigos, o ensinar poético pela voz de D. Maria Padilha paira entre o conhecido e o obscuro, como que, em meio a uma faixa turva, entre o que ainda é dicotomizado como: erudito e popular. Educação e poesia gestadas na voz e repassada por meio da oralidade, os ensinamentos da entidade afrorreligiosa pairam à sombra de preconceitos, como racismo, misoginia, intolerância religiosa, dentre outros, que historicamente se enraizaram em nossa cultura. Pois, embora a oralidade preceda a escrita, há ainda quem pense o contrário, “esquecendo-se que a voz modula os influxos cósmicos que nos atravessam” (ZUMTHOR, 1997, p.09). Nessa ressonância, à luz do que poetiza Guimarães Rosa no conto “O Espelho”, posso dizer também, que ao ouvir a voz de D. Maria de Castilha “parece que o tempo muda de direção e de velocidade” (ROSA, 1962, p. 72).

Desse modo, a voz de Maria de Castilha é “guetificada” como acontece com tudo o que vai na contramão do que é considerado clássico/erudito. E assim, a natureza educativa presente naquele falar parece fazer pertinência apenas ao universo religioso, ou

³ Terreiro de Candomblé Ketu que cultua os orixás, mas também outras deidades do complexo e grande panteão afro brasileiro, dentre elas as “Pombogiras”, a se destacar D. Maria Padilha.

⁴ Nome Iorubá do terreiro de Candomblé do qual faço parte e onde realizei a pesquisa que resulta neste artigo.

mesmo estar restrito aquele vértice. Entretanto, a educação, como enfatiza Brandão (2002), não apresenta apenas uma natureza, ou se restringe a espaços e culturas; muito pelo contrário, ela transcende! E a Poética da voz afro revela este “mundo; cria outro”, é “convite à viagem”, “conjuro, magia”, permite ao homem “a consciência de ser algo mais que passagem”. (PAZ, 1982, p.15).

Nesse contexto me questiono: como poderia ler a educação imersa na oralidade da entidade afro? Que símbolos culturais se preservam na fala poética educativa de D. Maria de Padilha? Ato desafiador de estudar a cultura por um viés sensível, em que o educar/poética afro estão depositados na oralidade contida e mantida na memória cultural dos filhos e adeptos do terreiro; questões estas que tem como conjectura a religião, mas que não deixam de ser educação.

Assim, quando pedíamos solenemente entre preces e doutrinas cantadas, a presença de D. Maria Padilha, a se manifestar em transe mediúnico, registrei as falas que trago neste escrito. Gravar, depois ouvir, transcrever, refletir o que nos privilegiava com seus ensinamentos, a entidade espiritual, consiste em ato de entrega, trabalho, meditação.

Dessa maneira, recorro aos teóricos, homens e mulheres que nos vãos da existência gravam seus escritos a conduzir-nos nas lides acadêmicas: Zumthor (1997) e Hampâté Bâ (1982), ajudarão a compreender a riqueza da oralidade; Sodré (1988) tece imprescindíveis considerações sobre as religiões afro-brasileiras; Rufino (2018) nos traz os “ares” da decolonialidade; Silva; Lima (2014) inspiram-me uma escrita poético-gráfica; Meyer (1993) e Farelli (2009) iluminam os passos deste vulto chamado D. Maria Padilha de Castilha, dentre outros que nos auxiliam no entalhe do texto.

Dessa maneira, sigo então esta jornada escrita, envolto em afetos e propósitos reflexivos, conjugando ciência e religião, saberes afro e educação, poesia da voz e escrita narrativa.

LAROYÊ ELA CHEGOU NO TERREIRO, CAMINHOS DE UMA PESQUISA GIRANTE!

Para sentir o que escrevo, é preciso se pôr na encruzilhada. Entrelaçar os caminhos da academia com aqueles que rumam ao terreiro. Compreender nesse sentido é pôr em atenção todos os sentidos, pois: as folhas verdes esmeralda já adornam o chão da casa, o

aroma de “resinas mandingueiras” como diria Bruno de Menezes (2005), inebria os presentes; chamas tremulantes de velas iluminam o altar, a defumação “cabocla” incensa o espaço; e não é só isso, há perfume de mulher... Emprenhando o ambiente, cheiro adocicado que fica na pele. Os tambores irão ecoar... “rufa o batuque na cadência alucinante” (MENEZES, 2005) ... E entra no recinto na gira⁵ dos *voduncis*⁶ D. Maria Padilha, de vermelho e dourado altiva realeza se personifica no salão.

Assim, cumpre seu transe e seu trânsito a rainha espanhola. Do seu séquito medieval, resta apenas a saudade e seu brilho renovado no olhar dos novos servos, que agora se tornaram filhos, e não mais vassalos. Na corte dos *Exus*, *Pombogiras* e *Padilhas*, entidades religiosas afro-brasileiras, a nobre europeia agora goza seu reinado. África, Brasil e Europa são mapas humanos aqui sobre postos, cingidos e amalgamados. Culturas, Vozes, Poéticas e Continentes cruzam-se entre história e memória, e cerzem no imaginário na religião na vida um novo tecido: humano-divino-sagrado em tramas de afetos-saberes-reminiscências.

Exu é deus mensageiro, o que primeiro viu! Testemunha ocular da criação! Formado do hálito de Olodumare, o grande deus supremo Iorubá, em contato com a terra e a água. É ele o deus brincante, zombeteiro, dionisíaco, ambíguo, compadre que os Iorubás primeiro reverenciam, antes de tudo! – Não se faz nada sem agradar Exu. As primeiras honras são suas! O primeiro quem come: é Ele! Pois, é ele o dito cujo que levará nossos pedidos ao Orum, a morada dos deuses, onde habitam todos os Orixás! – já ouvira eu, dos meus mais velhos. Por isso: *Laroyê Exu*⁷, *mojubá*⁸ *senhor dono dos caminhos!* *Laroyê Baba!*

Levado, astuto, dinamicidade que em tudo está! Tudo sabe, tudo enxerga, tudo vê! O senhor das encruzilhadas é a síntese da cosmologia Africana Iorubá. Pois o Deus mensageiro é:

A encruzilhada, lócus tangencial, e aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam via diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, e o lugar radial de centramento e descentramento, interseções, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergências,

⁵ Dança circular que compõe os cultos afro brasileiros.

⁶ Nesse sentido, o termo aqui é utilizado em referência àqueles que são considerados os mais velhos no candomblé, as autoridades religiosas; Babalorixás e Yalorixás.

⁷ Saudação a Exu, remete a algo como: “salve o mensageiro”, “olhe por mim”, “me guarde”.

⁸ Outra saudação a Exu, junção de dois termos iorubá: Moju - Bá, que diz respeito a “alguém que vive a noite e trama emboscadas”.

unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, e geratriz de produção, as noções de sujeito híbrido, mestiço e liminar, articulado pela crítica pós-colonial, podem ser pensadas como indicativas de efeitos de processos e cruzamentos discursivos diversos, intertextuais e interculturais (MARTINS, 1997, p. 28).

Exu é essa zona de cruzamento! Dialógico e dialético, paradigmático e existencial, de uma cultura refeita, ancestral e uterina, do povo negro africano e hoje brasileiro, num tempo pós-diáspora. De tal modo, no rito e no mito os símbolos que se inter cruzam traçam-nos o cruzar de trajetórias, e Exu é este “ligamento” em que se ancoram o ritual, o cultural – complexo afro brasileiro, fonte do qual jorram estas linhas.

É nesta corrente que D. Maria Padilha de Castilha nobre espanhola vem se alocar: junto ao Deus da festa, fálico, poderoso e mensageiro dos desejos humanos. Se tornando assim, também ela: elo dinamizador desta energia, entidade mulher já carregando em si camadas profundas e pesadas do ser feminino ao longo da história. Dessa maneira, esferas de significação em níveis profundos de entendimento precisam ser desmembradas, para que se possa ver, tocar, provar experimentar o que se guardou desta distinta senhora, gravado na carne do tempo.

Deflagra-se dessa maneira, um ser e uma intenção, o pesquisador não se aparta do religioso que por sua vez não se separa do poeta. Não se quer a mera reprodução do que pode ser visto, nem o tornar irreconhecível, bem menos reforçar estereótipos. Desse modo, valoriza-se a vivência sensível no campo, pautada na experiência do corpo; “na escuta flutuante à criação e reinvenção de poéticas tradicionais” (MIRANDA; SILVA, 2019, p. 32); conseqüentemente, tornando possível a abordagem do fenômeno poético educacional por vias de um fazer sensível, poético.

A poética é entendida como uma encruzilhada entre áreas do conhecimento, em especial a arte e antropologia. O conceito se estrutura como uma estratégia metodológica e ética de pesquisar, desenvolver e experimentar poéticas a partir de experiências culturais, que podem ser diversas (SILVA; LIMA, 2014, p. 35).

Sendo assim, a observação do fenômeno, sua descrição e análise em contingência narrativa, em percepção filosófica do que aqui é estudado: a voz poética educativa de D. Maria Padilha, suscita perspectivas teóricas e desenhos especiais na sua escrita, desse modo:

Oxigenar a expressão monolíngue da ciência, trazer-lhe maior densidade e enraizamento em experiências da nossa complexa realidade social. O monopólio da linguagem dita exclusivamente objetiva, neutra e fragmentada do ambiente acadêmico, que muitas vezes cai no fundamentalismo inóspito e que se pretende moralmente superior às demais linguagens (ALMEIDA, 2017 p. 02-03).

De tal forma, é do cerne do vivido, à temporalidade das experiências: a demarcação desta abordagem investigativa. Pensamentos-sentimentos-recordações alçam à condição da escrita acadêmica. Para tanto, realizo uma pesquisa de Campo segundo Minayo (2001) ao adentrar uma realidade empírica (2001, p. 53). Pesquisa esta, de cunho qualitativo ao abordar aspectos mais profundos das relações e fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

Sigo assim, um enfoque teórico-metodológico segundo a Fenomenologia da Percepção a partir de Merleau-Ponty (1999, p. 19) ao considerar que “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia”. Dessa maneira, a produção dos dados da pesquisa se fez por meio de entrevista narrativa, fundamentada em Daniel Bertaux (2010, p. 47) ao qualificar a narrativa de vida como possibilidade de descrição, explicação e avaliação dos fenômenos sociais que vivem os sujeitos. E ainda, através da observação participante, conforme Clifford; Gonçalves (1998, p. 33-34), “uma fórmula paradoxal e enganosa, mas que pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação”.

A metodologia da pesquisa é a autobiografia, como possibilidade investigativa que, de acordo com Delory-Mombeger (2009), constitui-se a partir da compreensão exata do seu campo de investigação: amplo, diverso, transdisciplinar; que exige a criação de instrumentos terminológicos emocionais que lhe sejam apropriados; e ainda, ter clareza que o discurso autobiográfico, não se encerra nas narrativas de vida, contudo, possui raízes profundas e fundamentais, numa atitude humana, que configura narrativamente sua experiência.

Igualmente, a compreensão dos dados será feita ao longo do texto, com base na discussão, do que ora chamo, “conceitos descentralizadores”; dentre eles, alguns debatidos por autores da decolonialidade. Outrossim, caracterizada dentro dos estudos afro diaspóricos, esta pesquisa, tem também como marca o não “distanciamento” entre pesquisador e fenômeno estudado, construindo paradigmas outros para tais inquirições; e construindo instrumentos terminológicos próprios.

A potencialidade da pesquisa participante está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade. Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo. Ela induz os eruditos a descer das torres de marfim e a se sujeitarem ao juízo das comunidades em que vivem e trabalham, em vez de fazerem avaliações de doutores e catedráticos (FALS BORDA, 1999 [1981], p. 60).

Então, posso tecer, destecer, retecer meus caminhos, feitos e desfeitos, passos do homem, que me ensejam assegurados por outras vozes: a dimensão socializante daquele que narra à luz de seus achados; a escrita nascente deste narrar cumpre determinado papel, deflagra, entre outras descobertas: a história, a memória, a ciência, a educação, a fé, a poesia e a religião inter cruzadas nas vivências, afetos, do povo de terreiro.

Dessas emanções, um dizer que agora escrito vem prenhe do que seja fala. Oralidade da qual se extraiu uma direção que nos levou à página em branco, se irradiou às teclas de um computador. Verbo, palavra vivida, escrevivência (EVARISTO, 2011). A escrita nascida de mim, reveladora da condição da matéria de que somos feitos.

A tradição oral é a grande escala da vida e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se a alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade Primordial (HAMPÂTÉ BÂ, 1982, p. 169).

Bem desse modo, as práticas dentro dos terreiros, templos religiosos, são herança da oralidade africana, que junto com outras, constituem-se princípios fundadores, civilizatórios da cultura afro. Dessa maneira, Poesia da Voz, Oralidade poética, Poéticas Oraís, Literatura Oral são termos que sinonimizam este fenômeno tão bem descrito nos constructos de Paul Zumthor (1997), e ratificado por Hampâté Bâ (1982), como valor civilizatório africano. Riso, silêncio, fala, choro, brincadeira de roda, ritual sagrado, grito, festa, afago, toque, mistério, entrega... A vocalidade humana em curso nos ensina e nos congrega. É o que somos!

EM LINHAS SENSÍVEIS DO EDUCAR D. MARIA PADILHA TECE A VIDA

Naquela noite, privados do sentido, despojados do querer, e sem a vaidade do intelecto daríamos “passagem” aos Guias de Luz! Invertendo mais uma vez a ampulheta do tempo, invocariamos de um mundo sem horas as vozes que nos conduziriam na vida e na morte. Com a leveza de quem sabe guiar.

Banhos de ervas, roupas finas passadas, altar incensado, vela acesa. Sentados em seus banquinhos, os filhos estão próximos da Yalorixá, a mãe da casa, como é conhecida, líder espiritual e sacerdotisa ela conduzirá a sessão. Cedo todos chegaram, tomaram seus banhos perfumados, vestiram suas batas e saias brancas, fizeram suas preces, antes, preservaram seus corpos de cansaços e extravagâncias, todos devem estar concentrados e descansados para bem receber seus guias espirituais.

O ritual começa, cantigas e rezas, e um sininho tocando, na penumbra do terreiro, pouco iluminado, uma névoa de mistério envolve a todos. De repente, uma gargalhada estremece o salão, súbito seu estardalhaço rasga o coração da noite, é o seu *ilá*, grito, som ou sussurro que a entidade emite ao se fazer presente no terreiro, que amortece e, ao mesmo tempo, acelera as pulsações dos que estão presentes, até que o sagrado esteja instalado por trás das vestes rubras e douradas que adornam um corpo de mulher. Uma rainha branca pelas graças das mentes humanas e desígnios do sagrado habita os altares do culto dos pretos! Em tal harmonia e total concordância, que seu gargalhar celebra o que o homem separa.

Assim, o riso ecoa solto! E parece romper grilhões, séculos de prisões sem muros: opressão sobre os corpos das mulheres; trevas acanhando as mentalidades dos homens; medo sufocando a voz... A gargalhada lancinante faz tudo quedar!

E, se o riso pormenoriza a distância entre as pessoas e é bálsamo e antídoto para tantos males, que venham as alegrias sorridentes e benditas das divinas senhoras sob a benção dos Orixás. D. Padilha chega e canta com voz lancinante: *Abre a porteira Exu que aí vem mulher, é Maria Padilha a dona do Axé, abre a porteira Exu que aí vem mulher, é Maria Padilha a dona do Axé*, depois com passos calmos e firmes retira-se para um cômodo reservado onde irá se arrumar. O silêncio permanece. Parece ter adquirido o ar, os odores de um mundo antigo, encantador, desconhecido e temível. Alguns minutos depois, D. Maria Padilha retoma o salão, seu perfume penetra as narinas e cola-se às paredes; invade o ambiente uma aura de realeza: as rosas vermelhas lhe adornam o coque,

o vestido negro e vermelho com pinceladas de dourado deixa a barra cobrir-lhe os pés e ondular rês o solo. Taça de cristal, o vinho mais fino, a piteira resguarda o fumo de cravinho. Xale sobre os ombros, contas no pescoço, belos brincos pendem guarnecendo o rosto, e um leque vermelho ventarola suavemente o calor da face, “um insuspeitado e abissal mundo mágico nos cerca. E acima de todas, Maria Padilha. Ponte lançada pela mironga entre o século XX e o século XIV?” (MEYER, 1993, p.124).

A senhora de Castilha majestosamente se assenta na cadeira alta que lhe é devida. Trono de Ogum, que agora deixa-se apossar pela rainha das noites enluaradas. Ela dá boa noite, e vai conversar com seus filhos. Um a um ouvem seus conselhos e ralhos. Fazem os mortais suas preces. E a senhora advinda de um tempo sem tempo remedia questões que ainda afligem a carne dos viventes. Aos poucos eles se deixam acalmar, refletem, choram, cantam, se emocionam e emitem um riso tímido frente ao mistério que lhes desnuda a sorte.

...Candomblé é poço fundo moço, de coisas muito repetidas... Candomblé não é muito mistério, mas os mistérios que ele tem devem ser resguardados... Candomblé é folha de estudo, e mais que confiança... é preciso se dedicar, o sagrado precisa de dedicação, e dedicar não é olhar de vez em quando, é se determinar, é se jogar no desafio de cabeça sem medo das respostas...

Desfia seus saberes a senhora educadora com sua voz poética... E o silêncio se instala... Quem vive o culto ao sagrado no mundo afro sabe que a religião se faz de forma cíclica. É um calendário que sempre se repete, como se repetem os ritos: rezas, banhos, limpezas, sessões, ofertas, imolações, períodos de recolhimento espiritual.

À luz das palavras de D. Maria Padilha asseguro que o mergulho na religião afro se dá no cotidiano, nas vivências da casa de santo. Quanto mais se vive a religião, mais se aprende a religião. E mais profundo se dá o envolvimento com o sagrado; mais sabemos do culto e, por conseguinte, mais deveremos saber de nós mesmos, para podermos lidar com o divino, com o outro, pois, a divindade habita a cada ser, na sua singularidade.

D. Padilha conhecida também como senhora das encruzilhadas, aos poucos irá nos mostrar que neste símbolo potente também reside a força da configuração de seus ensinamentos. Demarcá-los como ponto de cruzamento é essencial para compreendermos a confluência de suas forças criadoras, bem como a influência educativa desta entidade incisiva sobre aqueles que comanda, direciona, acolhe e conduz.

Em sua potência, diferentemente do que é praticado pela lógica ocidental, um caminho não se torna credível em detrimento de outros. A encruzilhada escolhamba a linearidade e a pureza dos cursos únicos, uma vez que suas esquinas e entroncamentos ressaltam as fronteiras como zonas pluriversais, onde múltiplos saberes se atravessam, coexistem e pluralizam as experiências e suas respectivas práticas de saber (RUFINO, 2018, p. 78).

O humano é centelha do divino – lembra D. Maria Padilha. Centelha que não simplesmente vaga no tempo, mas é conduzida pela brisa do sagrado. Divindade que assim, incendia a fagulha humana e a faz queimar durante um tempo próprio dentro das casas de santo. O pensador africano John Mbiti (1990), nos ensina que ao contrário das sociedades ocidentais, para quais o tempo é algo que pode ser consumido, mercadoria que pode ser vendida e comprada – tempo é dinheiro –, nas sociedades africanas tradicionais o tempo tem que ser criado ou produzido, “o homem africano não é escravo do tempo, mas, em vez disso, ele faz tanto tempo quanto queira” (MBITI, 1990, p. 19).

D. Padilha fala sempre com firmeza, suas palavras não permitem hesitação, vem todas proferidas com rigor. Os olhos cerrados da sacerdotisa em transe não precisavam me fitar. Posicionada em seu trono, a bela dama espanhola emanava certeza. Gestos contidos, voz grave e acentuada, modulação corrente, fixa os sons de cada sílaba imprimindo cor e sabor a cada uma delas.

Devemos ter sabedoria para saber tirar da areia o grão, do igarapé as águas, das matas as folhas, do vento o frescor... e um riso leve ecoou no salão – *Eu lhe digo moço, entre o barulho e o silêncio se faz a sabedoria...entre o barulho e o silêncio se faz a sabedoria.*

Longa quietude percorreu a extensão da minha carne. Olhos vigilantes, os filhos do terreiro ouviam aquelas palavras, impregnados pelas perguntas que elas deixavam no ar. Nossas mentes ferviam invadidas pelos sons daquela voz. Parecia aquele instante, os momentos em que o tambor rufava por várias horas no terreiro, e, de repente, quando parava. E seu som emudecia ainda se tinha aquele estremecer mudo vibrando em nossos corpos. O silêncio do tambor fala. O silêncio de D. Maria Padilha fala, e “entre o barulho e o silêncio se faz a sabedoria”. O que acontece no terreiro entre a festa e as horas que a precedem? O que sucede na escola, entre o momento teste e a volta do aluno para sua casa? O que se passa nos corpos, no espaço de tempo entre o acordar e o dormir? O que calha na vida, entre o pensamento e a emissão da palavra? Dizer... Refletir... Entre

emissões e pausas, fragmentos de um saber antigo que parece não pertencer ao conhecimento clássico, trafegam fora dos muros escolares, inferindo noções de uma “não educação”. Porém, educar não é uma questão de escola ou de currículo, mas de épocas e culturas (CASTRO; FAGUNDES; FERRAZ, 2014). Nesse sentido, volto a ouvir, para ligar ponto a ponto, elos de uma cultura milenar que se renova e se repete a cada dia.

A vida é igual um tecido que precisa de pontos, agulhas e costuras para virar uma coisa bonita... por isso, se diz que a vida tem engrenagens, enquanto ninguém tem ousadia para fazer tudo fica parado... decisão é igual espuma do mar, que quando a maré quebra se despacha e deixa a ressaca... Quem é você, que não retalhos dos comportamentos que lhe fazem ser? No retalho da moral, da criação que traz em si como camadas do seu cabelo, como esmalte do dente... e não como joias ou roupas que são seus adornos, mas como a pele que cobre o músculo que toma conta do esqueleto e faz o humano... E o que podem fazer é apenas melhorar, melhorar o comportamento, pegar a borracha da consciência e apagar o que não gostam, o que repudiam na vossa formação... Mas só se apaga o que se pode ver, e o que não se pode ver não se apaga... Pensamento é a arma das atitudes, pensamento é a arma das atitudes...Onde alguns falham, outros complementam. Esse é o sentido da corrente ...

Na dimensão do silêncio se instala a reflexão. Peço ao leitor que pare. E antes de mim. Releia as palavras de D. Maria Padilha, execute seu próprio exercício de ponderação. Arbitrariamente, não espere logo de quem escreve, mas, antecipadamente, se ainda não o fez, avie o seu próprio julgamento.

D. Padilha traz as velhas vozes narradoras... Seus ensinamentos, penetrantes e\ou difíceis de pôr em prática, sempre tem a capacidade de transformar. Visam a profundidade da subjetividade humana: em suas decisões, formação de caráter e processos inter-relacionais. No cotidiano do terreiro, os saberes de D. Maria Padilha tingidos no invisível da voz, dizem respeito essencialmente a uma composição metafórica, notável característica presente na estrutura dos textos orais; e fundamental para a memória. Por isso, que entre os herdeiros da tradição Iorubá, o que é dito “quer dizer algo mais, que pode ser debulhado em sentidos, sendo, por isso mesmo, sempre, um condensado com várias possibilidades de compreensão” (APOEMA, 2017, p. 395).

Assim, ao longo deste estudo apresento alguns dos saberes que se manifestam nos processos educativos conduzidos pela voz poética de D. Maria Padilha. Todos eles encontram-se no campo do Sensível, pois se dão na experiência cotidiana, no corpo a

corpo, no rito que personifica o mito, no canto que embala os deuses em suas danças sagradas, na poesia de uma vivência que não aparta os reinos da vida: natureza, homem, espiritualidade. Vida esta que se faz dentro e fora dos Ilês Axés: nos alimentos, vestes, perfumes e palavras sagradas que se leva no corpo sacro onde se vá: “o sentir é a comunicação original com o mundo, é o ser no mundo como corpo vivo. O homem não é si mesmo por derivação ou, progressivamente, por etapas. Ele é de vez ele mesmo (...) Pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo, mas este está nele. Ele é o mundo (BOULAGA, 1977, p. 211).

Dessa maneira, os saberes emanados pela entidade afrorreligiosa configuram-se como axiomas da filosofia diária vivida dentro dos terreiros e redimensionada por cada afrorreligioso em seu cotidiano. Saberes que assim aludem ao corpo no sentido amplo da palavra, sendo o corpo um ser vivo. Assim, uma voz-corpo existente, os filhos de santo educados por D. Maria Padilha são levados a refletir sobre seu lugar no mundo, suas identidades e processos pessoais dentro de sua formação como homens e mulheres do Axé, o que os não desvincula da realidade, pelo contrário, os compromete cada vez mais com esta, “é pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama emanação do nosso ser” (ZUMTHOR, 1997, p.157).

Pelo exposto, aprender neste caso é sentir, ver, vivenciar, ouvir. Desse modo, saberes de aconselhamento encontram-se aí contextualizados na figura de uma mulher que ensina, educa por meio da palavra. Palavra esta carregada de sentidos, metáforas, gestos e presença a fazer entender e compreender cada situação vivida. D. Maria Padilha é aquela que aconselha e provoca em seus filhos a reflexão, para que tomem para si seus aprendizados e sirvam de exemplo.

Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria (BENJAMIN, 1994, p. 48).

De tal feita, os saberes de D. Padilha se presentificam na força do “ofô”, expressão iorubá para designar a palavra falada, proferida com o impulso do sagrado a impactar os corpos, cravar nos peitos, lufar em distintos lugares, como um invisível que encarna na fragilidade de nossa matéria. São assim, também, saberes imaginários, a

solapar as vaidades e desobstruir as atenções para além da crueza do mundo; saberes a nos fazer sonhar com forças estranhas, ao mesmo tempo tão íntimas, que nos acompanham há tanto tempo, e ainda assim, resguardam belezas que não cessam de brotar de imagens antiguíssimas. Saberes de um Afeto-educação que legitimam o sentir, o ver, tocar, esperar, calar... Entrega, lugar oposto, cruzo, corpo meu, corpo do outro. Juntos, discrepantes. Atenciosos. Afeto-educação, a lembrar a humanidade, que compreender é aprender num abraçar que nos abraça, em uma encruzilhada epistêmica.

EDUCAÇÃO SENSÍVEL: LÂMINA DELICADA NA VOZ DA ENTIDADE AFRO

Desembaraçar as informações presentes na voz da entidade afro é também se perguntar: quando ouço sua voz Senhora de Castilha, o que me visita? E o que me deixa? Arvorado pela intelectualidade da escritura há quem possa dizer, que o que se ensina e como se ensina nos terreiros é um fazer “menor”. Uma educação que se restringiria apenas aquele espaço, porém, para Lévi-Strauss (2011), no que concerne nos aprendizados com a cultura, não se trata de considerar o que é superior ou inferior, mas de compreender possibilidades distintas de funcionamento.

E, se “a linguagem é uma maneira de vivermos juntos” (MATURANA, 2000, p. 97), a oralidade poética de D. Padilha, congrega, une, faz refletir e anima o espírito da comunidade afrorreligiosa. Seus ensinamentos seriam um discurso preñado de simbologia a compor, segundo Fábio Lucas (1976), dentre os âmbitos literários, sejam escritos ou oralizados: uma modalidade especial de comunicação. Portadora de força comunicativa polivalente, com um potencial de grande vigor conotativo, o que torna, a educação de terreiro uma forma de conhecimento e aprofundamento no mundo real; com efeito direto, sobre a subjetividade e sobre a organização social dos sujeitos.

Desse modo, os saberes, expressões poéticas dos terreiros, suscitam um educar sensível e articulam uma rede de valores simbólicos, sujeitos a uma organização arbitrária, no que diz respeito, a modelos impostos pela sociedade ocidental.

Talvez houvesse um “saber de tipo Sul” não ligado a uma parte precisa do hemisfério, mas que tentasse abordar os fenômenos sociais de um modo muito mais acariciante, de um modo também mais respeitoso. Ou, ainda, que se empenhasse em compreender os fatos neles mesmos, por eles mesmos, e não por aquilo que deveriam ser (MAFFESOLI, 1998, p.147).

Assim, estes saberes em suas práticas suscitam outros modos de compreensão do mundo; pedem um olhar diferenciado sobre si mesmos, necessitam de sensibilidade para sua vivência e assimilação. Desse modo, essa visão de mundo a partir da cultura afro provoca no povo de terreiro percepções que podem atender a outras necessidades poéticas e estéticas de vida: a relação com plantas e animais; o entendimento da natureza não como objeto, mas como bem precioso de uma criação divina que o homem partilha; os cantos, a poesia presente nas letras e melodias das rezas entoadas em Iorubá; as danças ritualísticas, aprendizado rítmico e lúdico de relação direta com o corpo; o alimento, como substância sagrada para o ser; os cabelos “blacks” assumidos com orgulho e consciência da beleza que possuem.

Destarte, ao proferir seus provérbios, ditos e lições D. Maria Padilha aciona reminiscências, recorda tradições que perfazem o individual e o coletivo (HALBAWACHS, 1990), e traz à tona reflexões para que seus filhos tomem consciência de si, o que por conseguinte, reitera a pluralidade da cultura, a diversidade humana e, suas matizes éticas, belas, singulares, ricamente expressas no canto africano da gente do axé.

Padilha viu e gostou. E resolveu que iria “baixar” nesses “Brasis” de gente tão simples, curtida, sofrida, faminta, e de tanta fé. E por aqui começou a baixar nos terreiros, dama tão sábia no feitiço, que na cabeça de belas mulheres tronou-se um perigo só (FARELLI, 2009, p.78).

Terreiro é tempo sem tempo, lugar perdido... onde as vozes se guardarão... onde os pensamentos ficaram, e a memória está lá... terreiro é uma fala sem voz, é um dizer calado... embala-nos a Voz de D. Padilha. O que mais dizer sobre? Qual síntese a respeito da educação poética presente nos templos afroreligiosos poderia substituir aquela exposta acima, tão bem tecida pela Senhora das Encruzilhadas?

Terreiros são organizações litúrgicas complexas, são o lugar de uma cultura fragmentada, e espaço em que o indivíduo encontrará o sentido de pertencimento, em processos de uma educação pela cultura (SODRÉ, 1988). Educação fruto de um legado histórico em que “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar” (CANCLINI, 2011, p.17). Educar que se faz entre tensões, palavra poética, que no terreno ideológico trava batalhas entre a polifonia de sentidos, construídos entre signos e discursos que se impõe, e regulam as possibilidades de existência.

A cada pedido de licença ao dobrar a esquina, a cada gole lançado ao chão, nos repertórios gestuais, nos benzimentos, nos alinhaves de versos, na circunscrição de sons e ritmos, na moeda lançada na porta do mercado, no cigarro compartilhado na rua, em todas essas e ainda em muitas outras formas estão a se inventar terreiros, que são as múltiplas temporalidades/ espacialidades encarnadas por esses saberes praticados – aí se determina quem “tá dentro e quem tá fora” do jogo e do mundo criado (RUFINO, 2018, 83-84).

Sendo assim, atrás dos dentes da boca noite esconde-se as preces daqueles que a evocam. Então, como capturar o que foge? Como reter entre as mãos a água do regaço? Como guardar a chama crepitante dentro de recipiente? Ao coração da noite a gargalhada de D. Maria Padilha soa cortante, rasgando os véus da escuridão. As palavras querem ser despidas pelas mãos-ouvidos de quem as acolhe. Seus sentidos jamais se encerram. É preciso tempo.

Assim, Padilha não veio da África como *pombogira*; não veio com os negros e seus Orixás. Ela veio com o colono português e suas lendas, com as portuguesas supersticiosas e seus amores doentios. Veio no meio de baús de madeira, das velas de sebo de Holanda, junto com bentinhos, escapulários, rosários, lobisomens e mulas-sem-cabeça. Foi no Brasil que ela se misturou com os ritos de origem africana; primeiro nos catimbós do Nordeste, depois nos cultos de Angola, na umbanda e quimbanda do Rio de Janeiro. Essa combinação das duas tradições explica sua importância (FARELLI, 2009, p. 61).

E assim, moça branca de Castilha farfalhou faceira no culto dos pretos! E seguiu gargalhando dançante! *Maria Padilha ganhou uma garrafa de cachaça e levou para igreja para o padre benzer, teve cristão que perguntou se batina de padre tem dendê, tem dendê, tem dendê, batina de padre tem dendê? ... Cruzando matos e rios, na encruzilhada do encanto ser! Borôrô, borôrô, borôrô colete sem manga não faz paletó, e danada da Padilha tava presa na cozinha, fazendo reco, reco, na costela da galinha, fazendo reco, reco na costela da galinha ... Na ginga das rodas ela dançou, no festim de aromas, sabores e barangandãs... É pimenta da costa, flor de laranjeira e patchuli, é farofa, galinha frita e dendê... É seda, abre-caminho e cetim... É vermelho e dourado, piu da coruja, lua cheia e jasmim... Pulando cruzado na linha de congo chegou Maria Padilha para saravá rei nagô, e firma o seu ponto para saravá luz e fé, Maria Padilha Rainha de candomblé...*

E suas doutrinas cantam a cultura afro-brasileira em traquejo, graça, ginga e malemolência e o nome da Senhora de Castilha ecoa nos salões, nas rodas de samba, na rima do jongo, no ritmado do baião, na gira das saias quando os deuses dançam.

Eu conheci a magia, a magia que faz os homens se confundirem e as visões se deturparem... E um longo silêncio se instala, até que ela continue – Eu clamava aos deuses, aos deuses brancos, mas adorava os deuses negros, porque eles têm força e imponderância⁹...

E um vento corre a enovelar o mundo “aféfé je obirin”! Vozes de um ensinamento profundo e profícuo, imergido de uma força ancestral que encontra no efêmero de uma melodia cantada numa noite de luar a vazão de um som que atravessa: D. Maria Padilha abre os meus caminhos... Voz Mulher, Voz Tempo! ... A aplinar com sua educação poética a estrada da vida. Sempre inquerindo aqueles que vivem no mundo. Porque o mundo não se faz sem encruzilhada.

Eu vos pergunto moço, o que é fácil na existência humana? Respirar requer um combate de milhões de bactérias... E mesmo quando se está dormindo a vida trava a batalha pela existência. No mundo dos vivos é assim, no mundo dos Orixás também...

A voz de D. Maria Padilha lança-nos numa correnteza de signos em bulícios, une elos da história, da memória, do rito e do mito, que costurados por mãos hábeis do imaginário, permite-nos um mergulho insaciável no poço da vida, em que a cultura é líquido que nutre, envolve, vivifica e compeli-nos a essa potência a que se referiu Bergson (1991, p. 106), “força que evolui através do mundo organizado (...) e que procura sempre ultrapassar a si mesma”. Assim, me soa aos ouvidos essa força incontida nas palavras de D. Maria Padilha, ânsia que ritma nossos passos dentro e fora do Ilê Axé, seus filhos e adeptos. É possível ajustar nossa marcha, pequena e fugaz ao seu compasso, quando com suas palavras nos faz “encher esse círculo de desejos, inquietações e ações, alargar as fronteiras até os confins, não se deixar limitar, romper e anular” (KAZANTZÁKIS, 1997, p. 111-112).

Guarda-se o devido silêncio para se refletir sobre o ouvido.

Aprender assim, é ter medidas bem tomadas, ônus e bônus colocados à mesa como cartas de baralho, a cada nova jogada, novos aprendizados. Sentenças, solavancos e intempéries que na medida do que cada um necessita, descobrirá por entre as palavras daquela que educa forças internas individuais que até então, se desconhecia ou não se escutava.

⁹ Palavra espanhola, significa: grandiosidade.

Passam as horas... É possível compreender, que dessa escuta, podem florir experiências, regadas no terreiro entre trocas de conselhos, exemplos, chamadas de atenção, diálogos e determinações que deixam fluir nos dias e madrugada a imagem da mulher sábia, que entre os seus surpreende a cada encontro, como uma pequena jornada: religiosa, educativa, social, política em vida comunitária.

E assim, dentre as relações que a temporalidade afrorreligiosa instaura, registro aqui, a força das divindades que se apossam de seus filhos com maior rigor, amor e determinação; como D. Maria Padilha que no cumprimento de torná-los homens e mulheres melhores para seu tempo. Criaturas humanas dignas. Tingi-os com sua sabedoria. Sabendo-os, devedores de cada dia tornarem-se pela proximidade com o sagrado mais felizes e benfeitores do mundo em que vivem. Dessa maneira, constitui-se a partir destes feitos a Educação sensível. Vivência, tato, dia a dia, entrega, olho no olho, abraço, poiesis- política! Gira, girante, dançante, cantante. Iluminura. Ato sensível, do afago da palavra “bem dita”, junto ao som dos tambores e das rodas das saias, em que as entidades femininas nos terreiros educam, no corpo a corpo com a vida.

Compreender o delicado modo de ser desta educação é mergulhar no mundo desses seres femininos encarnados e espirituais, a maneira como ensinam. Aproximar-se do inefável da vida; e não se furtar a beleza presente nisso tudo, que se dá no âmbito da experiência cotidiana – narrativas de vida, dádiva captada pelos sentidos. Possível de ser compartilhada de outros modos, neste caso, na pesquisa em educação.

De tal maneira, reconhecer e visibilizar este modo outro de educação, significa parar. E ouvir a poética de um dizer que educa, que forma para a vida, homens e mulheres que muitas vezes nunca sentaram no banco escolar. Voz educativa que, então, permanece ressoando. Uma vez que, “tudo o que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3). Pois, a vida se faz e refaz todos os dias, em retalhos corriqueiros e sublimes: correr, respirar, nascer, cozinhar, rir, escrever. Necessidades insuspeitas do comportamento humano. Necessidades que coadunam distintos fazeres, porém, possíveis de diálogo. Como aquilo que se aprende no terreiro ser levado para conversar com os conhecimentos escolares sistematizados de outro modo.

Visto que, quando nos entregamos ao sagrado, nossas mentes são em uno com nossas mãos, espíritos. Corpo em percepção e sentidos, corpo-tempo, extrapolado por um

fazer, que não distancia o rito da realidade, mas liga distintas dimensões, rompe paradigmas e instaura novos patamares. Pensamos com o corpo todo, sentimos com os outros todos, vivemos em comunidade. E não negamos o oposto, isso tudo nos ensina D. Maria Padilha. Chamamos o diferente para a roda, fazemo-lo dançar conosco – a modo que os conhecimentos sejam articulados a favor da vida, da diversidade, da harmonia, da solidariedade. Como na junção dos saberes de D. Maria Padilha, enunciados no terreiro, com os saberes acadêmicos, sistematizados pelas intelectualidades. Reivindico assim, pois, pela força das encruzilhadas, a reconfiguração do mundo pelos nossos ritos e descobertas.

A cruz símbolo máximo do empreendimento colonial aqui é tombada, posta no chão, é feita encruzilhada, o Cristo dorme e é sacrificado, na mesma esquina em que é agradado, com seu padê¹⁰ de mel e de dendê, o nosso compadre Exu. Emerge desta encruzilhada a perspectiva educativa de D. Maria Padilha, a reunir em si, a complexidade de uma cultura, reinventada, construída, estilhaçada, e tornada viva, pela força dos cruzamentos, a redimensionar, produtores de saberes e existências em constante interação.

A educação sensível, empenhada na voz da entidade afrorreligiosa é lâmina delicada, demonstração de uma potência inventiva, força grandiosa, que no mundo se fez em encruzilhadas. A apontar muitos rumos possíveis, invocando potências ancestrais, produzindo novos sentidos a partir de um imaginário grandioso.

NA BARRA DA SAIA UM SABER QUE EDUCA...

As vozes-escrita desta pesquisa interligam ciência e religião, divino e humano, arte e educação, razões e afetos, sensível e impositivo, que se equilibram e se adensam nas esferas do pensamento; se inter cruzam na busca de uma teorização. Não distanciada do cotidiano, não dicotomizada por imposições ideológicas. Mas, construída a longo esforço no enlace de critérios que confabulam uma escritura reflexiva, ética, discursiva, epistemológica, educativa.

¹⁰ Comida votiva, farofa ofertada a Exu antes do início de qualquer ritual.

Entrelaçamentos que na encruza epistêmica estabelecem uma educação, que em seus processos refuta o que agride, ama, o que de fato agrega, legitima os que dela se fazem. Emerge desta encruzilhada a perspectiva educativa de D. Maria Padilha, a reunir em si, a complexidade de uma cultura, reinventada, construída, estilhaçada, e tornada viva, pela força dos cruzamentos, a redimensionar, produtores de saberes e existências em constante interação.

Assim, pesquisa-se uma educação plural, que traz nas suas “bordas” tecituras profundas de um saber poético e sensível da vida. Educação que nestas linhas está embrionada na tecitura da Voz. Em rastros, resíduos, ecos de uma sabedoria ancestral que dentro dos terreiros faz o mundo girar: na barra da saia, na roda da fortuna, no andamento do xirê (a dança-ritual em círculo), em que os afrorrelianos invocam seus Orixás. E que desse modo versa uma epistemologia educativa que se quer na movência da vida, no compasso do samba, na pulsação do carimbó, no círculo sagrado em volta da fogueira, ouvindo uma boa história, narrativa que faz o mundo sonhar.

Dessa maneira, comunicam-se saberes, canta-se o aprendizado, difundem-se práticas remanescentes, desloca-se o olhar, enviesa-se a rima, jogando os conceitos dentro da roda, fazendo a academia girar. E dessa buliçosa dança, emergir: águas e tempos, fogo e vento, alardeando saudades, aprenderes, memórias, culturas, educações, movendo o Sagrado para o Sagrado ensinar. E, ali, no Terreiro, ao som dos tambores nagô, Vozes de mulheres incendeiam o tempo. Em espiralado movimento, fazendo com um povo, circular os saberes.

Desloca-se, assim, o poder para as mãos/vozes de uma mulher. Suas determinações constituem um espaço que se faz e se quer pelo querer do “bem comum”. O sentido de comunidade, o bem estar consigo mesmo, com o outro, com a natureza, a harmonização com este mundo, tudo como busca de integralidade.

As mulheres educam. Um espírito ensina, educa incorporado. Aquela que estaria desencarnada rompe com lógicas estabelecidas da ciência moderna. O padrão é outro. Nossos corpos não são colônias, são assentamentos vivos de um divino, que assim buscam a totalidade do ser.

Deixamo-nos tomar por nossas divindades, nosso ser rompe e adentra outra dimensão, colada a esta, mas, ainda assim, iluminura daquilo em que apenas podemos crer. Esta maneira, dentre outras, no mostra e faz sentir que também somos capazes de

produzir conhecimento, em sua pluriversalidade. É questão que jogamos na roda e depositamos como oferta nas encruzilhadas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tânia Maria Campos de. *Revista Calundu* - vol. 1, n.1, jan-jun 2017.
- APOEMA, Keu. (Im) permanência da voz: encontro com as palavras de contadores de histórias tradicionais e contemporâneos de Burkina Faso. In: JINZENJI, Mônica Yumi et al. (Orgs.) *Culturas orais, culturas do escrito: intersecções*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2017.
- BÂ, Amadou Hampâtê. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). *História geral da África: volume I: Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática, 1982.
- BERGSON, Hénri. *L'évolution créatrice*. Paris, PUF:1991.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação como cultura*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- CANCLINI, Nestor G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2011.
- CASTRO, Manuel Antônio de; FAGUNDES, Igor; FERRAZ, Antônio Máximo Ferraz (org.) *Educar Poético*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulher*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- FALS BORDA, Orlando. *Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa Participante*. 8ed. São Paulo: Brasiliense, 1999 [1981].
- FARELLI, Maria Helena. *Os conjuros de Maria Padilha: a verdadeira história da Rainha Padilha, de seus trabalhos de magia e de suas rezas infalíveis*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- KAZANTZÁKIS, Nikos. *Ascese: os salvadores de Deus*. São Paulo: Ática, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 2011.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. São Paulo: Quíron, 1976.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MATURANA, Humberto. *Transdisciplinaridade e Cognição*. Brasília: Edições UNESCO, 2000.
- MBITI, John S. *African religions and philosophy*. 2ª. ed. Ibadan, Nigeria, Heinemann Educational Books, 1990.
- MENEZES, Bruno. *Batuque*. Belém: SECTAM, 2005.
- MEYER, Marlyse. *Maria Padilha e toda sua quadrilha: da amante do rei de Castela a Pomba-Gira de Umbanda*. São Paulo: Duas cidades, 1993.
- MIRANDA, Maria Fernanda C.; SILVA, Renata de Lima. Linhas para tecer poeognografia dançadas. *Textos escolhidos de cultura e arte populares (TECAP)*. Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 73-86, mai. 2015.
- PAZ, Octávio. *O arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. São Paulo: José Olympio, 1962.

RUFINO, Luís. Pedagogia das Encruzilhadas. *Revista Periferia: educação, cultura e comunicação*; v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan./Jun. 2018.

SALLES, Vicente. *O Negro no Pará sob o regime da escravidão*. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SILVA, Renata de Lima; LIMA, Marlini Dorneles. Entre raízes, corpo e fé: poenografia dançadas. *Revista Moringa, Artes do Espetáculo*, João Pessoa, v. 5, n. 2 jul-dez/2014.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-africana*. Petrópolis: Vozes, 1968.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

Data de recebimento: 10/02/2021

Data de aprovação: 10/07/2021